

## LENIN E A DESINTEGRAÇÃO DO CAMPESINATO RUSSO

## LENIN Y LA DESINTEGRACIÓN DEL CAMPESINADO RUSO

## LENIN AND THE DISINTEGRATION OF THE RUSSIAN PEASANTRY

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.37656>

Marizete Andrade da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Longe do caráter ilusório do fortalecimento do campesinato, Lenin formulou a tese de que o conjunto de contradições existentes no interior do campesinato russo representava um fenômeno que constituía a base por meio da qual se formava o mercado interno da produção capitalista e se originavam novos tipos rurais. Neste sentido pretendemos abordar alguns aspectos centrais sobre a desintegração do campesinato russo no pensamento leniniano durante o final do século XIX e a primeira década do século XX, enfatizando a estratégia utilizada pela política revolucionária para persuadir a classe transitória e vacilante dos camponeses médios a aliar-se aos operários na luta pela construção do socialismo.

**Palavras-chave:** Lenin. Descamponização. Tipos rurais. Camponeses médios

**Resumen:** Lejos del carácter ilusorio del fortalecimiento del campesinado, Lenin formuló la tesis de que el conjunto de contradicciones del campesinado ruso representaba un fenómeno que constituía la base a través de la cual se formó el mercado interno de producción capitalista y nuevos tipos rurales. En este sentido, tenemos la intención de abordar algunos aspectos centrales sobre la desintegración del campesinado ruso en el pensamiento leniniano, durante el final del siglo XIX y la primera década del siglo XX, enfatizando la estrategia de la política revolucionaria para persuadir a la clase transitoria y vacilante de los campesinos medios aliarse con los trabajadores en la lucha por el socialismo.

**Palabras clave:** Lenin. Descamponización. Tipos Rurales. Campesinos medios

**Abstract:** Far from the illusory character of the strengthening of the peasantry, Lenin formulated the thesis that the set of contradictions, within the Russian peasantry, represented a phenomenon that constituted the basis on which the internal market of capitalist production was formed and through which originated new rural types. In this sense, we intend to address some central aspects about the disintegration of the Russian peasantry in Lenin's thought, during the late 19th century and the first decade of the 20th century, emphasising the strategy of the revolutionary policy to persuade the transitory and vacillating class of middle peasants to ally with the factory labores in the struggle for socialism.

**Keywords:** Lenin. Depeasantisation. Types of rural inhabitants. Middle peasants

### Introdução

Durante trinta anos Lenin pensou e escreveu sobre questões fundamentais do campesinato russo. Suas produções teóricas sobre os problemas daqueles que vivem de seu trabalho na terra abarcam um espectro-temporal que vai desde o período anterior aos levantes camponeses de 1902 até o momento

posterior a implementação da Nova Política Econômica (NEP) em 1921. Fiel aos princípios marxistas, o estudo econômico de Lenin esteve sempre fundamentado na convicção da inevitabilidade das capacidades produtivas da sociedade humana se organizar de uma maneira genuinamente social. Por conseguinte, seu pensamento econômico estava vinculado às análises das relações de classe que resultavam do sistema básico de produção.

Quais eram as categorias que constituíam a população rural? Por que negar a utilização da coação pelo poder proletário estatal para a passagem às formas coletivas de produção? Quais as implicações da integração entre o operariado e os camponeses através de um movimento ou partido político? Todas estas questões atravessavam as análises da estrutura da situação econômica e relações de classe que Lenin utilizou para compor os princípios da política agrária sob a qual os camponeses foram persuadidos a apoiar a revolução russa de 1917. Deste modo, as respostas para estes questionamentos formavam o conteúdo primordial para a elaboração de estratégias indispensáveis, capazes de neutralizar as forças reacionárias que atuavam contra a classe operária e os camponeses pobres; conseqüentemente, eram fatores que determinariam o destino da política revolucionária do proletariado.

A existência da propriedade agrária latifundiária constituía na Rússia a base material das relações feudais. Este sistema representava uma rede de atrasos e entraves à liberação da luta de classes e o uso da terra no mais elevado grau possível e concebível na sociedade capitalista. Lenin e os bolcheviques não apenas se recusaram a evitar o reconhecimento deste caráter capitalista às soluções para a questão agrária (seja de cunho camponês ou de senhorio-burguês), como também o enfatizaram. Foi somente pela afirmação desse fato que eles puderam, por um lado, distinguir a posição proletária sobre a questão agrária (decorrente da luta do proletariado pelo socialismo), daquelas sustentadas pela burguesia (camponeses ou senhorio-burguês) para esta mesma problemática. Por outro lado, conseguiram diferenciar entre as várias soluções burguesas da questão agrária e apontar para aquela força específica (o campesinato) que deveria ter o apoio do proletariado na revolução democrática da Rússia, sem tentar ocultar a essência burguesa do movimento camponês e sem fazer concessões ao que consideravam utopismo e posições de desvios populistas.

### ***A desintegração do campesinato e os novos tipos de população rural***

Quando Lenin iniciou sua atividade política como marxista, duas décadas anterior a revolução proletária de 1917, a Rússia era um país industrialmente atrasado, envolvido em uma rede de antigos vínculos e relações de semisservidão. A autocracia feudal czarista era notória por seus métodos brutalmente reacionários. As grandes fábricas que existiam usavam equipamentos importados e o desenvolvimento industrial era amplamente dependente de capital estrangeiro. Além disso, o crescimento generalizado do nascente capitalismo russo, cujos estágios em que ainda se encontrava haviam sido superados quase cem anos antes pela Inglaterra, encontrava-se intrincado com os entraves impostos por uma economia e política ultrapassada.

Durante a maior parte do século XIX as raízes do capitalismo russo e até mesmo suas tendências básicas foram ignoradas pelos movimentos revolucionários do país. Os primeiros marxistas concentraram seus esforços em analisar principalmente o proletariado industrial em expansão e os grupos não marxistas se dedicavam especialmente em compreender a opressão semisserva dos camponeses, que permanecia apesar da promulgação da Reforma Emancipadora em 1861, e identificar nas comunas camponesas uma base natural para o desenvolvimento socialista no país. Lenin foi um dos primeiros intelectuais de sua geração a reconhecer as formas contraditórias exclusivamente próprias do sistema capitalista a partir das relações econômicas e sociais entre o campesinato, tanto o agrícola quanto o comunitário.

Precisamente essas contradições provam, notória e irrefutavelmente, que o sistema de relações econômicas existentes na comunidade rural não constituiu, em hipótese alguma, uma formação particular (a “produção popular” etc.), mas um habitual sistema pequeno-burguês. Contrariamente ao apregoado pelas teorias dominantes entre nós no último meio século, a comunidade camponesa russa não é antagônica ao capitalismo, mas ao contrário, é a sua base mais profunda e sólida. (LENIN, 1988, p.113).

No período transitório entre o século XIX para o XX a situação econômica e social na qual o campesinato russo estava inserido era marcadamente mercantil. Sob tais aspectos, mesmo na região agrícola central, que em relação as províncias industriais e as regiões periféricas do Sudeste encontrava-se mais atrasada, o camponês estava completamente subordinado ao mercado.

Apesar da existência de instituições que restringiam o desenvolvimento do capitalismo, foi no interior do campesinato que ocorreu a formação constante de elementos capitalistas sem nenhuma influência “artificial”. De fato, era sobre a agricultura em geral e particularmente o campesinato que as tradições da antiguidade se concentravam. Por conseguinte, as modificações das relações sociais e o desenvolvimento de forças produtivas se manifestavam de forma mais gradual e lenta.

Contrapondo a unidade de interesses e possibilidades de construir um projeto ambicioso de transformação social, como pretendiam os populistas e especialmente os socialistas revolucionários, Lenin identificava que a característica fundamental da sociedade agrária estava em seu célere desenvolvimento capitalista, realizado por meio da explícita separação entre burguesia e proletariado. Fundamentado em uma perspectiva política e científica, ele acreditava que a concepção mais nociva e ingênua dos *Narodniks* era colocar em oposição a pobreza à maneira como o capitalismo funciona. A importância política desse problema científico e teórico é flagrantemente nítida, pois caso o capitalismo não tivesse raízes no império do Tzar, então a teoria de Marx, o marxismo e a social-democracia não eram aplicáveis ao contexto da Rússia. O trabalho acadêmico de Lenin estava totalmente focado em refutar a tese *Narodnik* que via a Rússia como se o antigo sistema econômico natural ainda tivesse uma alternativa viável perante o capitalismo.

Conforme Krausz (2015, p.83):

Lenin não via a pobreza como uma anomalia do sistema, enquanto os Narodinks a viam como uma espécie de "acidente" que podia ser remediado. A economia de mercado, a acumulação de capital, a concentração e a concorrência de mercado que permeava tudo, além do desenvolvimento tecnológico, renovava constantemente o que

estava desatualizado na estrutura do capitalismo. Quando os Narodniks investiram questões de mercado com a moral, eles afastaram a atenção da natureza real do sistema. Em oposição a isso, Lenin concentrou-se na transformação estrutural e na proletarianização de grandes massas na sociedade.

Enquanto que para os populistas, além de indesejável, o capitalismo tinha chances mínimas de prosperar na Rússia, em face da própria miséria em que se encontravam os produtores rurais, tornando mais razoável que a superação da pobreza fosse alcançada por um percurso histórico que evitasse a passagem pelo capitalismo, em Lenin a aceleração da pauperização, que resultava da ruptura entre os produtores e as condições imediatas de trabalho, e o crescimento do mercado eram processos indissociáveis e simultâneos.

As formas contraditórias genuinamente capitalistas que eram apresentadas por todas as manifestações econômicas do campesinato já tinham sido assinaladas por pesquisadores como Orlov<sup>2</sup> e Vassiltchikov<sup>3</sup>, este último baseou seus estudos na abundante documentação obtida pela Comissão para a Investigação da Situação da Agricultura Russa presidida pelo ministro Valuiev<sup>4</sup>. A partir das análises destas contradições constatou-se que se encontrava em processo de formação um “proletariado rural” e assistia-se à um franco movimento de “desagregação da camada camponesa”. Todavia, diferente de estudos precedentes que se dedicaram ao tema e consideraram a desintegração do campesinato simplesmente como uma diferenciação, Lenin, através de uma investigação mais abrangente e sistemática, apresentada na sua primeira grande obra original **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia** (1899) - na qual interpretou os dados empíricos sobre a realidade agrária russa das últimas décadas do século XIX, chega à compreensão de que o conjunto de contradições existentes no interior do campesinato constituía um fenômeno bem mais complexo. “É claro que o surgimento de desigualdades entre os patrimônios é o ponto de partida de todo o processo, que em hipótese alguma se esgota nesta ‘diferenciação’.” (LENIN, 1988, p.114)

Assim como Marx, Lenin considerava que a produção camponesa é uma anomalia residual em processo de eliminação, como uma formação obsoleta que impede a plena expansão do capitalismo. As pequenas unidades produtivas perdem sua lógica interna quando estão vinculadas ao mercado e, portanto, não existe motivo para compreender os fatores condicionantes da agricultura camponesa dentro do capitalismo, a maneira específica em que se encontra articulada e, tampouco, as possibilidades de sobrevivência de uma forma de produção dessa natureza. Seu pressuposto contraria a visão dos *Narodniks* de que o campesinato é um monólito indiferenciado, uma entidade homogênea sem qualquer fracionamento interno e, acima de tudo, que não há divisão social do trabalho na sociedade rural russa. O argumento dos populistas russos era que o processo de produção generalizada de mercadorias, o conseqüente processo de concentração de capital, não ocorria entre os camponeses.

As atividades dos camponeses eram subordinadas por todas as contradições inerentes ao capitalismo e as economias de mercado como: o monopólio fundiário, a concorrência, a tendência à concentração de renda em um grupo minoritário que dispunha de capital comercial e independência econômica para explorar uma maioria, proletarianizando-a. Também prevaleciam a disputa e a concorrência

nas áreas de adaptações ao progresso técnico e nas profissões auxiliares. Foi a partir de indicações como estas que Lenin sustentou que o campesinato antigo estava submetido a um processo que não se restringia a uma mera diferenciação como apontavam os *Narodniks*, mas que nele ocorriam mudanças profundas de natureza qualitativa.

O campesinato antigo não se “diferencia” apenas: ele deixa de existir, se destrói, é inteiramente substituído por novos tipos de população rural, que constituem a base de uma sociedade dominada pela economia mercantil e pela produção capitalista. Esses novos tipos são a burguesia rural (sobretudo a pequena burguesia) e o proletariado rural – a classe dos produtores de mercadoria na agricultura e a classe de operários agrícolas assalariados. (LENIN, 1988, p.114)

Lenin dividiu a comunidade camponesa em três grupos: camponeses pobres, camponeses médios e camponeses ricos. O primeiro grupo era constituído pelo proletariado agrícola e os operários assalariados (ganhavam seu sustento trabalhando por salários em empresas agrícolas); pelos semiproletários ou camponeses que sobreviviam trabalhando em parte em terra própria ou arrendada e em parte eram trabalhadores assalariados em empresas agrícolas ou industriais e, também, composto pelos pequenos lavradores que “possuem uma parcela de terra tão reduzida que para cobrir as necessidades de suas famílias e de sua exploração não precisam contratar assalariados”.

No sentido econômico, os camponeses médios, definidos por Lenin, eram aqueles que 'cobrem sua despesa média com a renda da terra'. Ele ainda elucida que eram aqueles que como proprietários ou como arrendatários mantinham pequenos lotes de terra os quais lhes permitiam satisfazer as necessidades de suas famílias e suas fazendas, não contratando mão de obra externa.

Sob a economia mercantil, é o grupo menos desenvolvido. Somente em anos bons, com ajuda de condições muito favoráveis, o trabalho agrícola independente cobre os gastos com a manutenção desse campesinato, que por isso se encontra em situação extremante instável. Na maioria dos casos, o camponês médio só sobrevive contraindo dívidas a serem pagas em trabalho e procurando rendas suplementares, que advêm basicamente da venda da sua força de trabalho. (LENIN, 1988, p.118)

Os camponeses ricos, que constituíam o setor mais numeroso das camadas burguesas, apresentavam várias características. Esse grupo estava diretamente associado à agricultura comercial, empresas industriais e comerciais. Na maioria dos casos, as áreas cultivadas pelos camponeses abastados excediam as possibilidades da força de trabalho da família (ou seja, a quantidade de terra que uma família pode cultivar com seu próprio trabalho), e os compeliam a recorrer à contratação de trabalhadores. Como Lenin (1988) apontou: “os estabelecimentos que empregam mão-de-obra estão sempre concentrados no grupo rico (20% dos estabelecimentos reunindo 5 a 7/10 dos que empregam assalariados.” (p.84).

A decomposição do campesinato provocaria um desenvolvimento dos grupos extremos em detrimento do campesinato médio. Neste sentido, este processo criaria dois tipos novos de população no campo: uma burguesia rural ou um campesinato rico abrangendo os cultivadores independentes e um proletariado rural. O avanço do capitalismo implicaria a destruição das formas de produções anteriores que deixariam de existir. Não se produziria, portanto, uma diferenciação do campesinato, mas a extinção

do modo de produção feudal como tal. Este desaparecimento poderia adotar formas diversas, contudo, independente do caso, o domínio feudal seria completamente destruído.

Cavailhes (1976) analisa que a perspectiva leniniana em relação ao aumento da mão-de-obra assalariada que se produz no setor rural, com o avanço do capitalismo, necessita ser interpretada de uma maneira mais ampla. Não se trata de um aumento de assalariados na própria agricultura, mas de uma ampliação de contingente de assalariados partindo do setor agrícola e que poderia materializar-se em qualquer outro setor. A visão totalizadora de Lenin o conduz a não restringir suas análises somente ao que manifesta dentro do próprio setor.

Quando Lenin fala de desenvolvimento de uma burguesia rural e o proletariado rural, quase sempre se interpretam estes termos como sinônimos de burguesia agrícola e proletariado agrícola. Todavia, Lenin salienta que a burguesia e o proletariado rurais podem ser tanto agrícolas como industriais e comerciais. (CAVAILHES, 1976, p. 116)

Isso supõe que o proletariado se desenvolve a partir agricultura, mas não necessariamente na agricultura. Este proletariado pode exercer sua atividade na agricultura ou em qualquer outro ramo de produção comercial e industrial. O equívoco está em considerar que o campo agrícola é o único setor onde ocorre a proletarização da população camponesa. Na realidade, o êxodo rural evidenciava que este estrato social iria ampliar os grupos proletários do setor industrial e de serviços: “o seu representante típico, entre nós, é o assalariado agrícola, o diarista, o peão, o operário da construção civil ou qualquer outro operário com um lote de terra” (LENIN, 1988, p. 116). Pode-se, inclusive, dizer que os produtos da desintegração do campesinato não encontrariam mais do que uma parte reduzida no setor produtivo agrícola, e que a maior parte se dedicaria as atividades de cunho comercial e industrial.

A decomposição dos pequenos produtores mercantis representa um aspecto elementar para compreender o conjunto do processo. À medida que a desintegração do domínio feudal cria uma pequena burguesia agrária, esta, por sua vez, se dissolve. Ao inserir-se na economia de mercado e subordinar-se a concorrência, o pequeno burguês - para Lenin o pequeno produtor mercantil era uma variação do pequeno burguês - é eliminado pelo grande. O pequeno capitalista é suplantado pelo grande capital simplesmente porque apresenta uma capacidade produtiva mais baixa que a grande empresa.

Deste modo, a decomposição do campesinato é, portanto, a síntese de tendência contraditória. Por um lado, a eliminação das formas antigas de produção ocasiona o surgimento de um proletariado e pequenos burgueses de pequena produção mercantil. Porém, a partir do mesmo fenômeno - o desenvolvimento da economia mercantil e a introdução da concorrência capitalista - realiza-se a destruição da pequena produção mercantil.

As unidades de produção mais importantes se desenvolverão, aumentarão sua escala de produção, elas expandirão o novo coletivo de trabalhadores empregados e, finalmente, se transformarão em empresas capitalistas, abandonando, assim, o setor agrícola. Por outro lado, a grande massa de pequenas unidades se reproduz em uma escala decrescente, regressam ao estágio de campesinato parcelários, ampliam sua jornada de trabalho enquanto reduz sua renda, sendo o término desta evolução a proletarização de sua força de trabalho. A decomposição da pequena produção mercantil atua como um grande agitador, que através de múltiplos e variados estágios intermediários, finalmente

rejeita a burguesia de um lado e o proletariado do outro. (CAVAILHES, 1976, p.118-119)

A pequena burguesia ou pequena produção mercantil não é para Lenin (1988) uma categoria que representa algum tipo de homogeneidade, ao contrário, “pelas suas relações sociais, esse grupo oscila entre o grupo superior - em torno do qual gravita e no qual só uma pequena minoria de favorecidos consegue penetrar - e o grupo inferior - para onde o empurra todo o processo de evolução social” (p.118). Neste sentido, o conceito de pequena produção mercantil não está associado de nenhuma maneira a um modo particular e específico de produção que apresenta sua própria lógica e leis de funcionamento. De maneira oposta, se trata de uma forma portadora da substância embrionária que levará tanto a proletarização de uma parte considerável de seus trabalhadores quanto a constituição de novos capitalistas. Em Lenin, a pequena produção mercantil se determina por sua dinâmica, pela sua evolução. É uma forma instável e transitória de produção que está condenada a decomposição, e justamente é esta instabilidade que lhe permite uma definição.

O desenvolvimento do capitalismo representa, sobretudo, a separação da agricultura da indústria, momento primordial da divisão do trabalho e da constituição de um mercado interno. Assim, a desintegração do campesinato em Lenin, se opõe a coexistência (ou a articulação, a absorção) da pequena produção mercantil e o capitalismo; o caráter transitório do conceito leniniano da pequena produção mercantil se antagoniza com a definição de um modo de produção pequeno mercantil ou artesanal. Conforme Etzezarreta (1979, p.45):

A definição de campesinato como uma pequena burguesia se opõe com a concepção da agricultura “homogênea” de um interesse geral agrícola válido para todos os agricultores; enfim, a visão leninista que analisa a agricultura a partir de um ponto de vista geral do desenvolvimento do capitalismo se contrasta a uma concepção que poderia ser chamada de “ruralista” que em nome de um “particularismo agrário” analisa a agricultura do ponto de vista da agricultura.

As relações camponesas, caracterizadas pela crescente dependência da mercadoria, ampliação da carga de dívidas e o aumento das divisões de classe, expressavam os estágios iniciais do desenvolvimento capitalista. A pobreza das massas nas comunidades camponesas não eram mais simplesmente a pobreza dos servos feudais, mas uma pobreza devido ao entrelaçamento complexo de várias formas de exploração que incluíam remanescentes semi-feudais e várias etapas do capitalismo. Aparecia uma classe de trabalhadores agrícolas a partir da desintegração do campesinato que só poderia existir fazendo trabalho assalariado para terceiros. E Lenin viu que mesmo nas comunidades camponesas a luta pelo socialismo seria uma luta de classes entre o proletariado rural (com aliados que poderiam ganhar do seu lado a partir de fileiras de camponeses médios que vivem na terra) e capitalistas (ambos proprietários e camponeses).

### ***Os camponeses médios e a política revolucionária***

Um dos pontos centrais dos estudos de Lenin sobre a questão agrária se refere a plena consciência de que a população rural não constituía uma classe social única. Em sucessivos textos e documentos partidários, incluindo teses aos principais congressos da III Internacional, ele enfatiza o

caráter heterogêneo da grande massa que formava o campesinato. A análise sobre as diferentes categorias que constituíam o campesinato russo foram elementos basilares para a formulação de estratégias políticas para compor a agenda revolucionária. Ainda que nunca tenha renunciado a tese de que os agentes da vanguarda da revolução seriam os operários, Lenin considerava, tanto do ponto de vista prático quanto teórico, que a introdução da luta de classes no campo e o agrupamento das massas de trabalhadores rurais em torno da social-democracia e, posteriormente, do Partido Comunista, legitimaria a atuação autenticamente socialista do proletariado urbano e industrial.

Os operários industriais não poderão cumprir sua missão histórico-universal de libertar a humanidade da opressão do capital e das guerras, se estes operários se encerrarem no limite de interesses estritamente corporativos, estritamente profissionais, e se limitarem, satisfeitos, à preocupação de melhorar sua situação, que, às vezes é sofrível do ponto-de-vista pequeno-burguês. (LENIN, 2012, p.49)

No contexto pré-revolucionário, e também posterior a este processo, era imperativo que os camponeses mais pobres – os semiproletários – e os assalariados rurais (três grupos que em todos os países capitalistas constituíam maioria da população rural) fossem afastados de qualquer oscilação que os colocasse em posicionamento contrário ao poder operário. A tarefa fundamental da vanguarda revolucionária russa consistia em organizar esta classe de massas de trabalhadores exploradas do campo e conduzi-las à luta, ou ao menos buscar atraí-la, oferecendo garantias imediatas de supressão de qualquer forma de expropriação à que estavam submetidos pelos capitalistas. Deste modo, seria o trabalho dos social-democratas canalizar o espírito de protesto e de luta independente - despertada entre os agricultores pobres no embate - contra a servidão e a autocracia para o mais amplo e mais difícil enfrentamento ao capitalismo. A conquista do socialismo, que sempre foi o objetivo final no pensamento de Lenin, estava condicionada ao alinhamento dos camponeses pobres e muitos camponeses médios ao proletariado consciente e não em oposição a eles.

Nós, social-democratas russos, devemos tentar nos valer da experiência da Europa e devemos começar a atrair os "povos do campo" ao movimento trabalhista socialista em um estágio muito anterior e de maneira mais cautelosa do que nossos camaradas ocidentais foram capazes de fazer". Na "esfera agrária", podemos desenvolver algo novo. E para facilitar a transição para o socialismo para nossos trabalhadores rurais e semitrabalhadores rurais, é altamente importante que o Partido Socialista imediatamente comece a 'interceder' em nome dos pequenos camponeses e a fazer 'tudo o que pode para eles; nunca deve recusar a resolver o problema mais urgente e mais complicado dos 'outros' (além dos proletários), e deve ensinar todas as massas trabalhadoras e exploradas a considerá-lo seu líder e seu representante. (LENIN, 1947, p. 314-315)

Lenin dirigiu-se não somente aos camponeses muito pobres que não poderiam existir sem vender sua força de trabalho, mas também aos camponeses médios como amigos, e não como inimigos. Ele sabia que uma minoria muito pequena deles poderia transformar-se em pequenos exploradores ou *kulaks*, no entanto, uma grande parte destes trabalhadores poderia ter condições mínimas de sobrevivência através das atividades agrícolas desenvolvidas em seus lotes de terra. Em seu panfleto intitulado **Aos pobres rurais** (1903), Lenin já estabeleceu a "linha" política em relação ao camponês médio que foi seguido ao longo da luta revolucionária e da campanha para a agricultura socialista coletiva. Ele mostrou a partir de distintos ângulos que a pobreza dos camponeses médios não estava relacionada apenas à

permanência da servidão, mas também ao desenvolvimento do capitalismo na produção agrícola. Lenin descreve isso em termos muito simples de modo a ser compreendido pelos próprios camponeses, muitos dos quais ainda eram totalmente analfabetos. E, ao mesmo tempo, ele prossegue com a controvérsia acadêmica com os liberais russos revolucionários não-marxistas para demonstrar a inevitabilidade com que o capitalismo se desenvolve na agricultura e destrói o pequeno produtor na terra.

A solução para os problemas dos camponeses médios deveria vir, para Lenin, não por meio das tentativas de reforçar suas pequenas propriedades individuais com créditos, pontos de venda e subsídios especiais, mas apenas através de reconstrução socialista sob a liderança de uma classe operária revolucionária. Ele se esforçou para que esta categoria social, e até mesmo os camponeses semiproletários, reconhecessem a falta de perspectiva da posição que ocupavam como pequenos produtores e pudessem compreender as várias possibilidades de melhoria econômica que poderiam ser alcançadas através de uma aliança com o operariado.

Para Lenin, o camponês médio estava localizado literalmente no meio das duas classes opostas básicas da sociedade capitalista: daqueles que vivem pela exploração do trabalho de outros e daqueles que trabalham em troca de salário. Este setor inevitavelmente vacilaria entre as duas forças contrárias. Como trabalhadores pobres compartilhariam o ressentimento dos trabalhadores assalariados contra exploradores. Já enquanto pequenos produtores com poucos bens independentes seriam atraídos pelos inimigos dos trabalhadores que "espalhariam todo tipo de falsidades sobre os social-democratas".

Os social-democratas querem privar apenas os grandes proprietários, somente aqueles que vivem do trabalho de outros, de suas propriedades. Os social-democratas nunca tiram a propriedade dos pequenos e tomam agricultores que não empregam trabalhadores. Os social-democratas defendem e promovem os interesses de todos os trabalhadores, não apenas os interesses dos trabalhadores urbanos, que tem mais consciência de classe e são mais unidos que os outros, mas também dos trabalhadores agrícolas e dos pequenos artesãos e camponeses, na medida em que não empregam trabalho, não tentam imitar os ricos e não ficam do lado da burguesia. (LENIN, 1947, p.276-277)

Já em 1903 Lenin declara aos camponeses médios e aos pobres camponeses que após a revolução socialista estariam livres para desenvolver a agricultura cooperativa em larga escala - através da ajuda de maquinaria que lhes pouparia tempo e mão-de-obra - ou continuar com a pequena produção individual, se assim preferissem. Seu programa destinado à agricultura sob o socialismo prenuncia o modo como a agricultura seria desenvolvida na União Soviética. No curso da Revolução as diferenças de classe entre os camponeses desempenharam um papel elementar, uma vez que todas as classes camponesas participaram da luta contra a autocracia. Mesmo os *kulaks* estavam interessados em derrubar o domínio czarista (março de 1917) e também no enfraquecimento das antigas relações da propriedade agrária e da agricultura, que vinham sendo alcançados pelo decreto de terras do novo governo soviético (8 de novembro de 1917). Entretanto, na construção do socialismo os *kulaks* eram fortemente hostis à classe proletária. Entre os pobres e os camponeses médios Lenin tentou, desde o início de seu trabalho, desenvolver uma compreensão socialista. Ele identificou nos camponeses pobres importantes aliados de classe na luta dos operários. Em relação aos camponeses médios, como classe, ele esperava, no máximo,

uma neutralidade amigável, enquanto que o resultado da luta contra o capitalismo fosse ainda indefinido: “O proletariado revolucionário não pode – pelo menos em um futuro imediato e nos primeiros tempos do período da ditadura do proletariado – realizar o trabalho de tentar atrair esta classe. Tem que se limitar à tarefa de neutralizá-la(…)” (LENIN, 2012, p.53). Somente depois que o poder socialista fosse estabelecido é que a classe operária poderia conquistar os camponeses médios como aliados na organização da economia socialista.

### ***Considerações Finais***

A tentativa de Lenin em demonstrar a desintegração camponesa teve o intuito de confirmar o funcionamento da lei do desenvolvimento capitalista na sociedade camponesa. Ele alertou contra a rígida transformação e separação do produtor direto (principalmente pequenos agricultores) dos meios de produção (terra). Este processo, que seria a realização fundamental do capitalismo, transcorreria de um modo particularmente lento e através de formas extraordinariamente distintas.

Utilizando os dados que levantou sobre a agricultura camponesa da Rússia do final do século XIX, Lenin basicamente argumenta que a disseminação da divisão social do trabalho no país estava em um ritmo considerável e, conseqüentemente, esse fenômeno na agricultura levaria ao crescimento do mercado interno. A justificativa subjacente ao argumento é que a burguesia agrária ampliaria seu consumo - produtivo e improdutivo - à luz de seu recém-adquirido status de capitalista. Ou seja, aumentaria o investimento em capital fixo e ao mesmo tempo intensificaria seu nível de consumo próprio. Por outro lado, estava completamente confiante na reabsorção do campesinato rural 'descamponesado' no setor de manufatura urbana. O que significa que o camponês é obrigado a se tornar um proletariado industrial. Longe do caráter ilusório do fortalecimento do campesinato, a decomposição dos pequenos agricultores constituía a base sob a qual se formava o mercado interno da produção capitalista. “Assim, não se pode conceber o capitalismo sem um aumento na população comercial e industrial às custas da população agrícola e todos sabem que esse fenômeno é revelado explicitamente em todos os países capitalistas.”(LENIN, 1988, p.40).

Perante o fenômeno da descamponização Lenin apresenta que a tarefa da social-democracia consiste em compreender as características fundamentais deste processo e a definição da sua importância. Quando se refere ao campesinato que integrará ao governo dos operários, consciente da heterogeneidade social e econômica da população camponesa, advertia sobre a tendência dos camponeses médios, categoria central nas análises leninianas sobre questões agrárias, em inclinar-se para os partidos burgueses na luta entre o proletariado e a burguesia. Assim, cabia prudentemente a vanguarda revolucionária neutralizá-los e conduzi-los gradualmente e sistematicamente para o trabalho de construção do socialismo, nunca por medidas coercitivas, mas através de acordos práticos.

**Referências:**

CAVAILHES, J. e OSSARD, H. “Le développement du capitalisme et la décomposition de la paysannerie”. *Critiques de l'économie politique*, Paris, n23, 1976.

ETXEZARRETA, M. *La evolución de la agricultura campesina*, 1977.

KRAUSZ, T. *Reconstructing Lenin: An intellectual biography*. New York, Monthly Review Press, 2015.

LENIN. *Selected works*. Vol. II, Moscow, 1947.

LENIN. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (volume I). In: *Os economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LENIN. *Esboço inicial das teses sobre a questão agrária para o II Congresso da Internacional comunista* (1920). Em: *Lenin e a questão agrária (1917-1922)* São Paulo: Portal, 2012, p.53.

ROCHESTER, A. *Lenin on the agrarian question*. New York, International Publishers, 1942.

---

**Notas**

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de pós Graduação em Educação e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983800954558754>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5901-6814>. E-mail: [marizethandrade@hotmail.com](mailto:marizethandrade@hotmail.com).

<sup>2</sup> V. Orlov, *Peasant Farming, Statistical Returns for Moscow Gubernia*, Vol. IV.

<sup>3</sup> A. Vassiltchikov (1818-1881): economista, fundiário e publicista, baseando-se nos estudos da Comissão Valuev, constatou que, na Rússia, realizava-se à desagregação da camada camponesa e a formação de um proletariado rural.

<sup>4</sup> Aleksandrovich Valuev (1815-1890), ministro tsarista que coordenou a Comissão para a investigação da Situação da Agricultura Russa (1872/73).

Recebido em: 30.06.2020

Aprovado em: 25.09.2020